

# Corpo, gênero e sexualidades gays na corda bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet<sup>1</sup>

Body, gender and gay sexualities on the ethic-methodological thightrope:  
one possible path in the research on the internet

Luiz Felipe Zago – UFRS

Luís Henrique S. dos Santos – UFRS

## RESUMO

O artigo parte da retomada dos métodos empregados pesquisas desenvolvidas através da internet, tendo por objeto as construções de gênero e sexualidade presentes em *sites* de relacionamento e salas de bate-papo *online* para homens gays, problematizando noções de ética em pesquisa. Abordamos o lugar dos pesquisadores no processo de pesquisa, assinalando que o corpo do/a pesquisador/a pode ser o ‘passaporte’ de entrada para o campo de produção de dados e interrogando as implicações éticas do corpo do/a pesquisador/a como um elemento que possibilite o desenvolvimento da pesquisa. Indicamos que o ‘método consensual’ de participação nas pesquisas através da internet é aquele que exige que a ética seja convertida em um instrumento de pesquisa, bem como aquele que coloque o corpo dos/as pesquisadores/as como objetos de análise.

Palavras-chave: Ética. Internet. Gênero. Sexualidade. Corpo.

## ABSTRACT

The article starts with a methodological description of past researches undertaken on the internet, which sought to analyze constructions of gender and sexuality on online social networks and chats for gay men, problematizing notions on research ethics. We approach the researcher’s place in the research process, underlying that the researcher’s body may be the ‘passport’ to entry in the fieldwork, and questioning the ethical implications concerning the conversion of the researcher’s body in an element that enables the research. We indicate that the ‘consensual method’ for participation in research on the internet is that one which demands that ethics may be converted into a research tool, as well as poses the researcher’s body as on object for analysis.

Keywords: Ethics. Internet. Gender. Sexuality. Body.

<sup>1</sup> Este artigo é produto parcial da tese de Doutorado intitulada “Os meninos – corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos na internet”, defendida em fevereiro de 2013. A pesquisa foi financiada pela CAPES. Agradecemos as contribuições do Professor Dave Holmes, da University of Ottawa (Canadá) e da Professora Larissa Pelúcio, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

## INTRODUÇÃO – NÚMEROS E CONCEITOS POSSÍVEIS

Baseando-nos nas pesquisas já realizadas por um dos autores, Luiz Felipe Zago (2006; 2009), desenvolvidas na internet, propomos uma análise dos métodos de produção de dados lá empregados, como a observação participante e a aplicação de entrevistas adaptados ao ambiente virtual, para investigar as condições contemporâneas de produção dos corpos, gêneros e sexualidades nos chamados *sites* de relacionamento. Nas palavras de Paula Sibilia (2008, p. 11) “esses novos recursos abrem uma infinidade de possibilidades que eram impensáveis até pouco tempo, e que agora são extremamente promissoras, tanto para a invenção quanto para os contatos e trocas”.

Nessa direção, o presente artigo busca retomar de maneira crítica as utilizações de diferentes métodos de produção de dados nos estudos na e da internet que foram feitas nas pesquisas anteriormente citadas sobre corpo, gênero e sexualidade em sites de relacionamento online. Para isso, descreveremos a construção do nosso percurso teórico-metodológico e, simultaneamente, tensionaremos esse mesmo percurso com o intuito de examinar as condições de possibilidade da pesquisa na internet – especificamente em sites de relacionamento voltados para homens gays –, e é daí que vem a ideia de corda bamba metodológica que dá título a este texto.

É notório que a produção de conhecimento através da internet vem assumindo relevância cada vez maior no campo das Ciências Humanas e Sociais desde a metade da década de 1990, tornando-se ao mesmo tempo objeto, campo e instrumento de pesquisa (ver Paula Sibilia, 2008; André Lemos, 2004; Mário Guimarães Jr., 2004; Pierre Lévy, 2005; Sherry Turkle, 1995). Simultaneamente, podemos dizer que a internet se infiltrou e se consolidou – ao menos em algumas camadas da população – nas nossas vidas cotidianas como uma parte importante, senão central, para nossas interações e comunicações com o(s) outro(s), seja através de e-mails, de redes sociais como *Orkut* e *Facebook*, *sites* de relacionamento para encontros amorosos e sexuais, busca de informações e de lazer.

A mais recente pesquisa publicada sobre os usos das tecnologias de informação e comunicação no Brasil, referente ao ano de 2011, realizou vinte e cinco mil entrevistas em trezentos e dezessete mil domicílios. A pesquisa mostrou que “[o] crescimento de domicílios com acesso à internet foi o maior de toda a série histórica, monitorada desde 2005” segundo Alexandre Barbosa (2012, p. 151): 45% dos domicílios da amostra dispõem de computador, e 38% desses contam com acesso à rede mundial de computador (BARBOSA, 2012). Ainda, a “parcela de usuários [da internet] cresce com a escolaridade, com a renda familiar e com a classe social, e decresce quanto maior for a idade do indivíduo” (p. 160). Sessenta e seis por cento dos/as usuários/as da internet acessam a rede mundial de computadores diariamente; entre esses/as que acessam a internet todos os dias, 88% têm renda familiar superior a dez salários mínimos, 87% têm nível superior e 94% pertencem àquilo que a pesquisa convencionou chamar de “classe A” (p. 162). Sessenta e sete por cento dos/as entrevistados/as acessam a internet desde seus domicílios e 29% acessam dos seus locais de trabalho. Cinquenta por cento dos/as usuários urbanos que não dispõem de internet em suas casas mencionaram o custo elevado do serviço de acesso como o principal motivo (BARBOSA, 2012).

Dessa forma, pesquisar a internet, na internet ou através da internet nos dias de hoje significa converter em objeto, campo e instrumento de pesquisa isso que já faz parte das nossas vidas

cotidianas e de políticas estatais (BRASIL. Ministério das Comunicações, 2012). Pesquisar na e através da internet significa estranhar este conjunto de atividades que foi por ela possibilitado, e que foi rapidamente naturalizado como se desde sempre tivesse feito parte das nossas rotinas: o acesso à rede mundial de computadores e os usos que fazemos de suas possibilidades para a comunicação, para experimentação corpórea, para realização amorosa, para transações financeiras, para o lazer.

No que se segue, dividimos o texto em três partes: a primeira, mais descritiva, está preocupada em narrar as formas com que diferentes métodos foram empregados nas pesquisas que vimos realizando na internet. A segunda dedica-se a mostrar o lugar ocupado pelos pesquisadores em relação aos participantes de pesquisa como uma posição sob rasura, sobretudo graças às interpelações da ordem do gênero e da sexualidade por parte dos pesquisados, situação que se mostra produtiva para pensarmos os próprios corpos dos pesquisadores como fazendo parte da própria pesquisa. Daí, na terceira parte, conduziremos a discussão para o patamar ético-metodológico: ao empregarmos isso a que demos o nome de ‘método consensual’ de participação na pesquisa, interrogamos os paradigmas éticos correntes que engessam e constroem a produção de dados no campo das Ciências Humanas e Sociais representados na colonização dessas áreas pelo modelo biomédico de ética em pesquisa<sup>2</sup>. Assim, procuraremos delinear um percurso possível de desenvolvimento de pesquisa na, da e através da internet, descrevendo os métodos empregados e mencionando suas implicações para a produção de conhecimento que envolva o acesso e o uso da rede mundial de computadores.

## MÉTODOS POSSÍVEIS

Na pesquisa *Codinome Beija-Flor* (ZAGO, 2006), acessamos salas de bate-papo sobre sexo do Portal Terra (TERRA CHAT, 2012) voltadas para homens gays. Parte da pesquisa estava interessada em avaliar as diferentes possibilidades de comunicação entre os usuários das salas dependendo do modo com que esses usuários se apresentavam através da criação de apelidos – os *nicknames*, nomes fictícios criados pelos indivíduos para entrarem nas salas de bate-papo *online* e para aí serem reconhecidos. Os acessos aconteceram em diferentes horários do dia entre manhã, tarde, noite e madrugada. Baseados em observações prévias da dinâmica das salas de bate-papo, construímos quatro diferentes apelidos para ingressarmos nas salas, e para sermos reconhecidos dentro delas, que eram os seguintes: GuriAtvMalh18aPOA, SARADOMACHO-POA, SARADOPass30a-POA e gordofêmea-poa. Os dados dessa parte da pesquisa consistiam em contabilizar o número e o conteúdo das mensagens recebidas por cada apelido, sem haver nenhum tipo de interação com os demais usuários da sala de bate-papo.

Esses apelidos trazem uma série de elementos importantes, sobretudo da ordem da constituição corpórea, pois contêm palavras como “gordo”, “SARADO” e a partícula “Malh” que, nesse contexto, sugere “malhado”. Também contêm elementos geracionais como as partículas “18a” e “30a”, que indicam, respectivamente, dezoito anos e trinta anos graças à presença da letra “a”. A palavra “Guri” também se refere a um jovem rapaz no linguajar gaúcho. As partículas “Atv” e “pass”

<sup>2</sup> Assentados na Resolução 196/96 (ver Edward Macrae e Sérgio Vidal, 2006) e concretizados, hoje, na Plataforma Brasil ([http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/index.html](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html)).

significam, respectivamente, “ativo” e “passivo”, aludindo às práticas sexuais penetrativas (“ativo”) e práticas sexuais receptivas (“passivo”). A partícula “POA”, presente em todos os apelidos, menciona a cidade de onde se fala: Porto Alegre.

O título da pesquisa remete à canção de Cazuza, em que o compositor escreve: “Eu protegi o teu nome por amor / Em um codinome Beija-flor / Não responda, nunca, meu amor / Pra qualquer um na rua, Beija-flor”, sugerindo que o codinome é criado para proteger a identidade de alguém, para manter alguém no anonimato. É essa uma parte da estratégia que subjaz à criação de um apelido, ou de um codinome, que um indivíduo constrói para ser reconhecido dentro de uma sala de bate-papo na internet: esse indivíduo quer ter sua identidade protegida, quer ter seu anonimato assegurado – algo similar à compreensão ética que as pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais tinham em relação aos seus pesquisados.

Porém, o apelido acaba se tornando um instrumento para dar informações sobre indivíduos que acessam as salas de bate-papo. Através de um jogo de palavras (à época, os apelidos poderiam conter, no máximo, vinte caracteres alfanuméricos), os apelidos se convertem em nomes informativos a respeito de corpos, de gerações, de localizações geográficas e de práticas sexuais, conforme mostram os apelidos criados por nós, que são inspirados em apelidos de outros indivíduos que vimos aparecer nas salas *online*. O apelido torna-se uma etiqueta com informações relevantes sobre cada usuário das salas de bate-papo. Na tentativa de assegurar o anonimato, os indivíduos dissimulam seus nomes ‘reais’ criando nomes fictícios para si; assim, nesses apelidos há informações supostamente tão ‘verdadeiras’ sobre si quanto seus nomes ‘reais’, pois nos apelidos há menções sobre seus corpos, suas idades e, inclusive, sobre suas práticas sexuais. É assim que o apelido, dentro das salas de bate-papo da internet, pode não ser fictício: ele pode ser bastante ‘real’.

Já na pesquisa *Masculinidades Disponíveis.com* (ZAGO, 2009), construímos um perfil em um *site* de relacionamento voltado também para homens gays, o Disponível.com (2012) Aí, um de nós descreveu-se como pesquisador e utilizou o perfil para poder visualizar os perfis de outros usuários do *site*. Na época, o Disponível contabilizava o número de acessos a cada perfil existente, o que permitia a produção de uma lista contendo os vinte perfis mais acessados dentre todos aqueles do *site*.

Assim, foi pelo emprego de uma observação não-participante que aquela pesquisa buscou problematizar os elementos que compunham precisamente os vinte perfis mais visitados do *site*: procedemos à análise dos textos escritos de cada um dos perfis em que os indivíduos apresentavam-se e descreviam-se, mencionando as razões de ter um perfil no Disponível e elencando aquilo e aqueles que buscavam ali – sem, contudo, mantermos qualquer tipo de interação direta com esses indivíduos. Havia a possibilidade de publicação de vídeos amadores nos perfis *online*, gravados com câmeras digitais. Também realizamos a análise visual das fotografias publicadas em cada um dos vinte perfis mais acessados.

Mais recentemente, na pesquisa intitulada *Os Meninos – corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos na internet*, construímos um perfil em outro *site* de relacionamento voltado para homens gays, o *Manhunt* (2012). Nesse perfil, em que adotamos o apelido de PesquisadorDeHomens, descrevemos brevemente a temática de pesquisa que desenvolvemos e convidamos a participar dela os demais usuários do *site* interessados em manter um diálogo conosco,

baseado em um roteiro semi-estruturado de perguntas sobre corpo, gênero, sexualidade e internet. Nesse perfil também publicamos fotografias de um dos pesquisadores. Dessa forma, inserimo-nos dentro do *Manhunt* construindo um perfil *online* da mesma maneira com que os demais usuários construíam os seus próprios: descrevendo-nos, mencionando aquilo e aqueles que buscávamos estando ali, mostrando-nos através de fotografias. Esse procedimento “camaleônico” foi semelhante àquele utilizado por Shirlei Sales (2012) e por Mário Guimarães Jr. (2004). Sales afirma ter-se tornado “netnógrafa” no momento em que, para pesquisar comunidades juvenis no *site* de relacionamentos Orkut, ela própria precisou ser “orkuteira” (SALES, 2012, p. 122); Guimarães Jr. permaneceu ‘imerso’, por assim dizer, nos ambientes de jogos *online* e, a partir dessa experiência como pesquisador-camaleão, tensionou a separação entre tecnologia-cultura (GUIMARÃES JR., 2004). Apesar de termos construído um perfil *online* valendo-se das mesmas estratégias que os demais usuários do *Manhunt*, nossos objetivos em estar no *site* não eram os mesmos que aqueles dos pesquisados, situação que colocou em tensão nossos lugares (e nossos corpos) como pesquisadores nesse contexto. Esse aspecto será mostrado e analisado na próxima seção.

Aqueles usuários que aceitaram consensualmente o convite para participar da pesquisa foram redirecionados para o programa de conversa instantânea *online* *MSN Messenger*, no qual se estabelece o diálogo entre pesquisador e pesquisados sobre os temas já citados. Tal estratégia de produção de dados foi também desenvolvida por Jeane Félix (2012) ao entrevistar jovens vivendo com HIV/Aids através do *MSN Messenger*. Sobre esse método autora menciona o seguinte: “[e]ra preciso convidar *jovens+* [jovens que vivem com HIV], criar vínculos e estabelecer relações de confiança com cada um/a deles/as, era preciso aprender a entrevistar pela internet” (FÉLIX, 2012, p. 136), o que, de certa forma, também resume parte do esforço metodológico que investimos na inserção de entrevistas através do *MSN Messenger* com usuários do *site* *Manhunt*. Nosso objetivo foi o de inserir a entrevista como método de produção de dados acerca das estratégias das quais os indivíduos lançam mão para a construção de seus perfis *online* no *site* *Manhunt* (modos de descrição sobre si, modos de fotografar o corpo), além de continuar sondando as condições que possibilitam a adesão crescente dos indivíduos às oportunidades de comunicação que a internet possibilita, especialmente através de *sites* de relacionamento como o Disponível e o *Manhunt*. Passamos, portanto, do emprego estrito de métodos ‘contemplativos’, por assim dizer, das duas pesquisas anteriores para, junto deles, empregar também o método de entrevista com os indivíduos que aceitaram participar da pesquisa – um método de produção ‘conjunta’ de dados.

Foi precisamente a partir da inserção de entrevistas que se tornaram proeminentes dois pontos desse percurso metodológico (que serão discutidos nas seções a seguir), que já tinham sido observados, de modo distinto, nas pesquisas anteriores (ZAGO, 2006; 2009). Primeiro ponto: a posição e os corpos dos pesquisadores, isto é, o lugar da investigação da ‘verdade’ (sobre corpo, gênero e sexualidade) que os pesquisadores supostamente ocupam e os próprios corpos dos pesquisadores como categorias de análise na pesquisa (um pesquisador com corpo, com gênero e com sexualidade). Segundo: uma vez que a pesquisa se propunha a interagir com outros indivíduos, nos deparamos com exigências de uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e de submissão do projeto a um Conselho de Ética em Pesquisa. Estrategicamente, decidimos investir em um ‘método

consensual' de participação dos informantes na pesquisa, o que acreditamos ser uma brecha para podermos promover, no âmago dos estudos que vimos realizando na e através da internet, uma discussão crítica sobre a importação acrítica do modelo biomédico da ética em pesquisa para o contexto das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais (ver Soraya Fleischer e Patrícia Schuch, 2010; Luís Oliveira, 2010; Cláudia Fonseca, 2010).

## PESQUISADORES/PESQUISADOS POSSÍVEIS

Conforme Michel Foucault (2012), a sexualidade emerge como objeto de conhecimento no final do século XIX no bojo da complexa taxonomia do “desvio sexual”. Há dois elementos importantes no argumento de Foucault: o primeiro é sua recusa à “hipótese repressiva” dos tabus que cercam as experiências e práticas sexuais. O autor argumenta que as sociedades Ocidentais são aquelas em que a produção discursiva dos sexos e das sexualidades é incitada e estimulada. O segundo é que os próprios sexos (macho ou fêmea), assim como os prazeres associados aos usos dos corpos através de práticas sexuais, são efeitos de um poder essencialmente produtivo posto em ação por aquilo que ele chamou de “dispositivo de sexualidade” (FOUCAULT, 2012, p. 117).

Por sua vez, Judith Butler (1993; 2008a; 2008b) radicaliza esse argumento. Para ela, não apenas os dois sexos, macho e fêmea, e os dois gêneros, feminino e masculino, são efeitos do dispositivo de sexualidade, sendo a produção mais material da heterossexualidade compulsória que regula as relações entre corpos de homens e corpos de mulheres (BUTLER, 2008a, p. 10-11), mas a própria exigência ontológica de corpos apropriadamente sexuados, de macho ou de fêmea, é ela mesma uma condição de existência do sujeito inteligível – aquele que só existe como um ser humano viável depois de ter sido investido com seu ‘verdadeiro’ e ‘apropriado’ sexo (BUTLER, 1993; 2008b).

As ideias de Foucault e Butler, com suas posturas teóricas radicais em relação às sexualidades e à materialidade do corpo, são inseparáveis do processo de pesquisa sobre corpo, gênero e sexualidades que levamos a cabo. Assim, baseando-nos na argumentação de Foucault, toda pesquisa sobre sexualidades é ela própria uma produção discursiva sobre sexualidade; portanto, o conhecimento produzido por ela deve estar em constante revisão crítica, e ética, já que é parte de um complexo de relações de saber-poder que produzem o objeto do qual fala. Ainda, Foucault (2000) também argumentou que tais relações de saber-poder são vetores de subjetivação, o que significa que qualquer inferência ou conclusão feita a partir de dados produzidos dentro do processo de pesquisa de sexualidades não são apenas descrições passivas ou neutras, mas são criações políticas que têm o poder de instituir como realidade o que está sendo dito e escrito sobre sexualidade.

Também derivada dessas formulações está a ideia de que, quando se trata de corpo, gênero e sexualidade, nós poderíamos também dizer que todos/as os/as participantes de pesquisa se encontram, eles/as próprios/as, capturados/as pelo dispositivo de sexualidade. Em outras palavras, quando ‘ele’ ou ‘ela’ realizam pesquisas para investigar tópicos sobre gênero e sexualidade junto de outros ‘homens’ e ‘mulheres’, todos/as os/as participantes de pesquisa já foram previamente identificados/as como ‘homens’ ou ‘mulheres’ – são, portanto, sujeitos viáveis com uma existência

inteligível que possibilita a eles/as (ou que impõe a eles/as) serem chamados/as de ‘ele’ ou ‘ela’. Já que os/as participantes são, eles/as próprios/as, ontologicamente inteligíveis em corpos apropriadamente sexuados, sendo seus sexos, gêneros e sexualidades produzidos pelo mesmo dispositivo de sexualidade que está sendo analisado, a coexistência dos/as participantes no processo de pesquisa produz implicações que “merecem ser parte das análises das pesquisas” conforme Jamie Heckert (2010, p. 51).

Invariavelmente, em algum ponto do percurso da nossa última pesquisa, todos os homens que aceitaram dela fazer parte quiseram saber se os pesquisadores também eram homens gays. Em grande medida, percebemos essa curiosidade quando os pesquisados perguntavam se o pesquisador que conduziria a entrevista era o mesmo que aparecia nas fotografias publicadas no perfil PesquisadorDeHomens. Além disso, durante as entrevistas no *MSN Messenger*, alguns entrevistados questionavam o pesquisador sobre o que ‘realmente’ aconteceria depois de terminada a entrevista, sugerindo que a pesquisa era um subterfúgio para conseguirmos parceiros sexuais dentro do *site Manhunt*. Um dos usuários do *site*, ao responder ao convite feito por nós em nosso perfil para participar da pesquisa, nos mandou a seguinte mensagem *online*: “quero ser todinho pesquisado por você”, enquanto que outro escreveu: “vem me anal-isar, rrsrs [risos]” – sugerindo que a prática da pesquisa dentro do *site* poderia ser uma metáfora para a busca de parceiros sexuais. Isso demonstra que nossas presenças no *site Manhunt* foram efetivamente ‘participantes’, além de atestar que, embora deixemos claro que aquele perfil existia para realizar uma pesquisa nesse contexto, isso era ressignificado por alguns usuários. Nossos corpos – mesmo que de maneira virtual – entraram no jogo da dinâmica social do *site Manhunt*, pois era precisamente esse jogo da dinâmica social do *site* o objeto da nossa pesquisa. Ao publicarmos fotografias de um dos pesquisadores no perfil PesquisadorDeHomens, inserimos o corpo de um de nós como peça no jogo da dinâmica social do *Manhunt*. Daí, entendemos que os limites entre nós, os pesquisadores, e os participantes da pesquisa precisaram ser constantemente negociados. A escolha das fotografias publicadas no perfil PesquisadorDeHomens seguiu dois critérios: a face de um dos pesquisadores precisaria estar à mostra de forma clara e seu corpo precisaria estar o mais vestido possível. Tais critérios surgiram para se contrapor às fotografias dos corpos nus e às fotografias de corpos sem cabeça, que são as mais comuns dentro daquele *site* de relacionamento – conforme já havíamos discutido anteriormente (ZAGO, 2009).

A fixação das nossas identidades sexuais se tornou algo preponderante para a criação de vínculos com os pesquisados e foi fulcral para o estabelecimento de relações entre nós e eles, sobretudo no momento em que decidimos publicar fotografias de um dos pesquisadores através do perfil *online*. ‘Assumirmo-nos’ como pesquisadores gays, nessa pesquisa, se tornou um modo possível de nos colocarmos no lugar de dizer ‘verdades’: tanto para nós, os pesquisadores – que supostamente dirão ‘verdades científicas’ sobre isso que pesquisamos –, quanto para os pesquisados – que supostamente nos disseram ‘informações verídicas’ como dados de pesquisa. Foi como se, no contexto dessa pesquisa, todos os participantes precisassem ‘sair do armário’ para fazer parte dela de alguma maneira.

Mais do que isso, nos parece que o anonimato dos pesquisados não é, efetivamente, o ‘problema que realmente importa’ aqui. O que nos parece importante é assinalar que fomos ‘obrigados’ a

sair do armário junto com os nossos pesquisados para ter acesso às informações. Assim, em primeiro lugar, não é precisamente o anonimato dos pesquisados, nem a veracidade das informações que interessam, mas o consenso, a relação consensual recíproca entre todos os participantes de pesquisa estreitamente ligada à sexualidade. Em segundo lugar, interessa entender o corpo sexuado, generificado e sexualizado de um dos pesquisadores como ‘passaporte’, como ‘visto de entrada’ para a pesquisa – passaporte esse que não seria concedido a uma mulher, por exemplo, ou a um homem cujas características físicas não estivessem dentro dos ‘pressupostos’ corporais em cena no *site*. No limite, podemos dizer que o corpo à mostra de um dos pesquisadores funcionou como ‘isca’ para os pesquisados. Nesta direção, a pergunta ética ‘que importa’ é: podemos nos valer do corpo (de um de nós) para ‘entrar’ no jogo da dinâmica social do *Manhunt*?

A partir dessas suposições, há pelo menos dois pontos importantes a serem sublinhados: o primeiro é entender que o corpo sexuado, generificado e sexualizado do/a pesquisador/a importa e é, muitas vezes, o ‘passaporte’ para sua entrada no campo de pesquisa. O sexo, o gênero, a sexualidade e os desejos sexuais do/a pesquisador/a podem ser solicitados pelos/as pesquisados/as como condição de possibilidade para o desenvolvimento da pesquisa. A pergunta ética que deriva desse primeiro ponto é a que interroga se é possível que o/a pesquisador/a se valha de seu corpo, em que medida e com quais implicações, para implementar a pesquisa a que se propôs. A saída ética para esse ponto é colocar o corpo do/a pesquisador/a como categoria de análise metodológica no processo de pesquisa.

O segundo ponto a ser sublinhado é que a relação entre pesquisador/a e pesquisado/a pode ser balizada por isso a que demos o nome de ‘método do consenso’, isto é, que o/a pesquisado/a possa ‘consentir livre e esclarecidamente’ a participar da pesquisa ou a deixá-la em qualquer momento; que negocie com o/a pesquisador/a as perguntas feitas e as respostas dadas; que o pesquisado/a possa também fazer perguntas ao pesquisador/a e, talvez, pedir informações sobre a perspectiva teórica adotada na análise dos dados. Sobretudo, o método do consenso, no âmbito das pesquisas que vimos realizando, é um método em que a relação entre pesquisador/a e pesquisado/a é construída principalmente em referência ao contexto no qual se desenvolve a pesquisa (seu objeto, os dados produzidos, a abordagem teórica das análises), e não somente em relação estrita a um conjunto de normas e regras prévia, externa e burocraticamente imposto, que enrijece e cristaliza os lugares, direitos e deveres tanto do/a pesquisado/a quanto do/a pesquisador/a. É precisamente este ponto que vimos narrando desde o início do texto: os lugares dos pesquisados e dos pesquisadores, no conjunto de pesquisas sobre corpo, gênero e sexualidade na internet que ambos de nós desenvolvemos, são tensionados e questionados a todo momento. Por essa razão, a ética metodológica nesse tipo de pesquisa precisa ser uma que privilegie a flexibilidade e a construção consensual de limites entre pesquisador/a e pesquisado/a. No método consensual de pesquisa, o/a pesquisador/a faz da própria ética um instrumento de pesquisa a ser construído em conjunto com o/a pesquisado/a. Assim, procuramos driblar, segundo Matias Detamore (2010, p.176) “[a] ideia de que existe uma individualidade autônoma e discreta [...] independente das estruturas que delinham quem tem a habilidade de consentir [em ser pesquisado] e quem não anima esta concepção”.

Dizer que eu consinto apenas significa que eu aceitei o meu lugar dentro de uma estrutura social dominante que vai me levar nas direções que eu tenho que seguir. Se eu caio fora da categoria daquele/a que ‘tem a capacidade de consentir’, ou se meu consentimento é de alguma forma desabilitado por causa da minha posição na sociedade [...], meu consentimento não mais importa porque meu consentimento não é meu para ser dado a alguém, ou é invariavelmente descapacitado como tal (DETAMORE, 2010, p. 176).

Nesta direção, isso que estamos denominando de ‘método consensual’ de pesquisa ancora-se na ideia de que a relação entre pesquisador/a(es/as) e pesquisado/a(s) é algo que se estabelece em uma relação de poder. Nesta relação, se, por um lado, o/a pesquisador/a é visto/a com estando num polo de maior exercício de poder (por ser aquele/a que tem objetivos específicos em relação à conversação estabelecida), por outro, ele/a está ‘nas mãos’ do/a pesquisado/a, na medida em que, a cada pergunta, esse/a último/a pode simplesmente ‘desconectar-se’ da pesquisa sem dar qualquer explicação para isso. Em outras palavras, fazer uso desse ‘método consensual’ de obtenção de consentimento dos/as pesquisados/as é algo que não se dá apenas no momento em que eles/as dizem ‘sim’ ao convite explícito para participar da pesquisa, mas é uma negociação, possibilitada por um jogo de poder, que se dá todo o tempo no jogo de pergunta e resposta – e de como se pergunta, com quais palavras, sobre qual temática.

Assim, embora já existam experiências de pesquisa na internet em que o/a pesquisador/a cria estratégias similares àquela de assinatura de um termo de consentimento informado, como Félix (2012), optamos por entender que esse ‘jogo de pergunta e resposta’ constitui-se como uma alternativa – que se dá ao longo de toda a pesquisa, que é negociada e consensualmente acordada entre os/as participantes – às atuais formalidades concretizadas na figura de um termo de consentimento, frequentemente aplicado no início da pesquisa e como um tipo de ‘garantia’ ou aval que serve muito mais para o/a pesquisador/a do que para o/a pesquisado/a conforme Nikolas Rose (2007). Assim,

parece não ser necessário dizer que métodos inerentemente se conectam com questões éticas. [...] Mas se nós invertermos o paradigma [...] e dissermos que *a ética é inerentemente metodológica*, nós acabamos com um conjunto de perguntas sobre metodologia em que a ética pode ser entendida como uma estratégia empregável. [...] Toda vez em que juntamos sujeitos humanos na pesquisa nós nos deparamos com valores, normas e formações éticas dos/as nossos/as participantes. [...] Isto significa que a habilidade de formar linhas de comunicação, fóruns de negociação, conexões de entendimentos, perspectivas sobre diferenças, reivindicações por justiça, a possibilidade de criar novos tipos de alianças comuns, e assim por diante, exigem que o/a pesquisador/a possa estabelecer confiança e relações em comum através de um conjunto amplo de termos, tanto seus próprios quanto de seus/suas participantes (DETAMORE, 2010, p. 169, grifo nosso).

Ao fazer tais colocações estamos nos unido ao conjunto de pesquisadores/as (FLEISCHER; SCHUCH, 2010; OLIVEIRA, 2010; FONSECA, 2010) que têm tensionado, nos últimos anos, os modelos de pesquisa universais, que creem que há apenas ‘uma verdade’ na ciência. Cremos no

necessário enfrentamento dos modelos pretensamente universais de se fazer pesquisa, não apenas porque cada um dos métodos, e cada um dos campos disciplinares nos quais tais métodos tiveram sua origem, foram aqui adaptados para a pesquisa na internet e fizeram surgir mais dúvidas do que certezas acerca dos lugares dos pesquisadores. Mais que isso: cada método, estando ligado a seu campo disciplinar específico, desenvolve – ele próprio – ‘ferrolhos metodológicos’ (em termos de técnicas, do como perguntar, dos limites do que se pode fazer), por assim dizer, na própria prática presencial (corpo a corpo) de pesquisa.

Assim, graças às investidas, por parte dos pesquisados no sentido de interrogar o lugar e os corpos dos pesquisadores no conjunto de nossas pesquisas, fomos levados a alçar esse lugar, e também nossos corpos, à categoria de análise dentro do percurso metodológico de produção de dados sobre corpo, gênero e sexualidade no *site* de relacionamento. Em outras palavras, o principal eixo de análise se desenvolveu em torno da própria experiência dos pesquisadores, de seus lugares, corpos e sexualidades no âmbito da pesquisa. É a partir dessa compreensão que a noção de reflexividade, usada para problematizar a inserção do/a pesquisador/a no campo de pesquisa, emerge aqui como um “conceito frutífero”, conforme Catherine Nash (2010, p. 141). Nesse sentido, de acordo com Janet McCabe e Dave Holmes (2009, p. 1522),

[...] reflexividade é a prática de ser consciente de suas perspectivas e sua posição social, e dos efeitos que estes podem ter no processo de pesquisa sobre aqueles/as que são pesquisados/as. *Isto dá às/aos pesquisadores/as a oportunidade de refletir sobre suas histórias pessoais e posturas teóricas, e sobre a forma com que essas influenciam a pesquisa.* Assim, reflexividade desenvolve-se para açambarcar mais do que uma simples prática reflexiva preocupada com a influência em potencial da “presença” do/a pesquisador/a no campo de pesquisa (grifo nosso).

A chamada “auto-análise” do/a pesquisador/a é possibilitada pelo emprego de métodos qualitativos na pesquisa de gênero e sexualidade, e isso adquire diferentes significados. A reflexividade é um deles. A ideia de posicionalidade [*positionality*] é outro conceito propício para revisar criticamente a posição do/a pesquisador/a em relação àqueles indivíduos pesquisados, colocando-a como objeto de análise: reflexividade e posicionalidade “são termos que aludem a um lugar estável, pelo menos momentâneo, a partir do qual se é reflexivo e considera-se sua própria posição” (NASH, 2010, p. 141).

As análises que contemplam a implicação do/a pesquisador/a nos métodos de suas pesquisas nas redes sociais da internet ganham várias dimensões: é possível falar em uma etnografia virtual (segundo Cristhine Hine, 2000), assim como também é possível falar em netnografia (conforme Robert Kozinets, 2002), em que ambas supõem a transposição da etnografia tradicional da vida ‘real’ para a vida ‘virtual’. Derivada destas perspectivas há quem use o conceito de autonetnografia (segundo Sarah Wall, 2006) para pensar o “pesquisador-*insider*”, de acordo com Adriana Amaral (2008, p. 2): da “autonetnografia enquanto uma forma de observação participante que leva em conta a subjetividade e a própria narrativa biográfica do pesquisador”.

A auto-etnografia, e seu correlato, a autonetnografia, são métodos vizinhos aos de reflexividade e posicionalidade, sendo usados para inserir o/a pesquisador/a no processo de pesquisa, no

qual o foco do/a pesquisador/a é, segundo Patrick O’Byrne (2007, p. 1383), “no porquê, como, onde e em que contexto, assim por diante, ele ou ela experimentou uma sensação particular”, além de usar “esses *insights* em relação às suas próprias reações como uma base para o entendimento da cultura estudada”. Nós não podemos entender reflexividade e posicionalidade como tarefas meramente individuais: elas se colocam “além da autoconsciência narcísica como um viés conduzido durante o processo de pesquisa” (McCABE; HOLMES, 2009, p. 1519). São ferramentas que, quando empregadas na pesquisa que usa métodos qualitativos na produção de dados, podem fazer surgir perguntas sobre as condições a partir das quais a pesquisa, ela própria, emergiu, como foi planejada e conduzida (ver Denise Gastaldo e Pat Mckeever, 2002).

Por quê/como nós escolhemos pesquisar os sujeitos que escolhemos? Que perguntas nós lhes fazemos? Que tipos de interações nós temos com nossos participantes enquanto coletamos os dados? Como nós nos tornamos parte da coleta de dados? Como nós organizamos, analisamos e disseminamos nossos achados? (DETAMORE, 2010, p. 169).

Essas perguntas implicam no tensionamento das posições dos pesquisadores dentro das pesquisas que nós conduzimos e nas nossas relações com os pesquisados. Como se a escolha do objeto da pesquisa aqui em questão só pudesse ter sido feita e conduzida por homens gays. Como se a reflexividade da pesquisa fosse mais do que um pensar sobre si próprio no contexto da pesquisa: é como se a reflexividade fosse, sobretudo, o reflexo do objeto nos autores da pesquisa, e os autores da pesquisa se vissem refletidos no objeto ponto a ponto. Assumir-se em uma identidade (homem gay) supostamente seria também assumir o objeto de pesquisa em nós, ao mesmo tempo legitimando-nos como pesquisadores aptos a dizer ‘verdades’ sobre os pesquisados – e essa pode ser uma das armadilhas de estratégias metodológicas como a do método consensual, uma armadilha que liga identidade à produção de ‘verdades’ sobre os indivíduos.

Afirmar-se em ‘Uma Identidade’, assumi-la, tomá-la para si e dela dizer publicamente, parecem ser processos indissociáveis não somente da nossa constituição enquanto sujeitos viáveis e inteligíveis em um contexto cultural, mas, sobretudo, da nossa legitimidade em dizer e fazer algumas coisas no processo de pesquisa. Aqui aparecem claramente as circunstâncias de fixação da identidade dos pesquisadores: o que está em jogo é a definição da sexualidade daquele que pesquisa como um lugar de ‘verdade’, ou um lugar de veridicção. Mas há mais jogos aí além do interesse sexual ou desejo por parte dos pesquisados pelos corpos dos pesquisadores. Por que um ‘pesquisador gay’ é diferente de um – mero – ‘pesquisador’, como sugeriu um dos entrevistados ao perguntar: “você é só um pesquisador ou é um pesquisador gay”? É a fixação sobre qual é a identidade sexual dos pesquisadores que parece ser a fonte de confiança por parte dos demais participantes, a ponto de um deles sugerir que se fôssemos pesquisadores heterossexuais seria difícil de levar adiante a entrevista<sup>3</sup>.

Nossas sexualidades foram, assim, solicitadas a aparecer a todo o momento não apenas porque “a mais inexaurível e impaciente das sociedades talvez seja a nossa” (FOUCAULT, 2012, p. 39) no

<sup>3</sup>É possível sugerir, junto com Gordon Ingram (1997), Andrew Gorman-Murray, Lynda Johnston e Gordon Waitt (2012), que a experiência das sexualidades não heterossexuais é requisito para uma abertura ou compartilhamento de histórias e de memórias no ato de pesquisa. Nesse sentido, explicitar que o pesquisador também é um homem gay, no nosso caso, pode ser uma atitude que ‘horizontaliza’ a relação com os pesquisados.

que diz respeito aos prazeres dos corpos, mas também porque hoje está constituída uma formação discursiva em torno das identidades sexuais que sustenta e possibilita certos caminhos, certos modos de vida, certos prazeres e certas políticas – inclusive de produção de conhecimento. Por outro lado, a tentativa de definição sobre qual é a sexualidade do pesquisador também supõe localizá-lo dentro de uma “ordem do discurso” (FOUCAULT, 2009), mas não só isso, de acordo com Denilson Lopes (2002, p. 38):

Muitas são as opções. Ser um escritor [ou pesquisador] gay é afirmar uma afetividade que, longe de acentuar o isolamento e alienação do homem contemporâneo, é uma forma de redefinir práticas políticas marcadas pelo cotidiano, uma ética de um sujeito plural e uma estética da existência (acréscimo nosso).

Talvez seja interessante de pensar que não importa somente saber qual a diferença entre um ‘pesquisador’ e um ‘pesquisador gay’, nem apenas defender que é preciso ‘assumir-se’ gay para ser um participante da pesquisa que desenvolvemos. No contexto dessa pesquisa, podemos entender que a pergunta implícita a todos aqueles homens que interrogaram nossas sexualidades, a saber, “quem está conduzindo esta pesquisa e investigando minha sexualidade?”, é uma maneira de interrogar as condições de fala do lugar dos pesquisadores, uma forma de questionar as possibilidades que fazem com que alguém fale o que fala e pergunte o que pergunte – no limite, que pesquise o que pesquise. Assim, a pergunta interessante é aquela que questiona os modos pelos quais a sexualidade dos pesquisadores torna-se algo relevante para legitimar o dizer ‘verdadeiro’ da pesquisa, a veracidade do conhecimento produzido por eles. E ela torna-se relevante porque, de certo modo, no jogo político das identidades, parece que, por sermos gays, vamos falar ‘desde dentro’, entendendo e dando voz, como parte de uma política de representação e de identidade, àqueles que querem falar através de nós.

## ÉTICA POSSÍVEL

Autores como Camilo Braz (2010), Michel Jackman (2010) e Patrick O’Byrne (2007) mostram o quanto o emprego da etnografia, por exemplo, nas pesquisas sobre gênero e sexualidade pode possibilitar a produção de importantes reflexões éticas acerca da inserção dos pesquisadores em seus respectivos campos de pesquisa. Tal inserção pode fazer emergir questões importantes sobre as relações entre os pesquisadores e os pesquisados.

Braz (2010) conduziu uma pesquisa etnográfica em clubes de sexo entre homens na cidade de São Paulo. Para poder entrar em um dos clubes de sexo que faziam parte do campo de sua pesquisa, o autor precisou ficar nu. Ele escreve: “No início era estranho ficar nu – só usando tênis e uma máscara que me deram na entrada” (p. 148). E sua presença não era invisível para os demais homens que também estavam no clube e cujas práticas eram o objeto de seu estudo. “Eu percebi que muitos homens me olhavam. Eles roçavam em mim cada vez que eu passava de um espaço a outro. [...] Eles tentavam me agarrar, eu me esquivava” (BRAZ, 2010). Jackman (2010, p. 123-125) menciona essa

separação entre pesquisador e pesquisados nas pesquisas sobre sexualidade:

O que talvez seja menos aceitável é o reconhecimento de que antropólogos/as [ou qualquer pesquisador/a] são seres sexuais – que eles/as não são objetos passivos do afeto de seus/as informantes, mas que são sujeitos de desejo também. [...] Será um ‘não’ murcho a única resposta apropriada para a expressão de interesse extra-pesquisa de um/a informante? [...] A verdade sobre as relações entre pesquisador/a e informantes que geralmente permanece abafada nas pesquisas etnográficas não é que uma subjetividade erotizada existe e constitui tais relações, mas que o campo, tal como ele é conceitualizado nas ciências sociais, requer a censura do desejo na etnografia e a negação do erotismo nos encontros do campo. [...] A maneira como o desejo integra o alcance do/a pesquisador/a é correlata a como ele ou ela imagina os objetivos e limites da pesquisa (acréscimo nosso).

Portanto, ao ingressarmos no *site Manhunt* e convidarmos seus usuários a participar de um diálogo *online*, precisamos assumir, de certa forma, esse espaço como sendo saturado de relações que disputavam corpos, gêneros e sexualidades entre os homens usuários do *site* e que nós faríamos, enquanto pesquisadores, parte desse registro. As disputas em torno dos corpos, dos gêneros e das sexualidades são constituintes das relações que emergem entre os usuários do *site*, e se delas queríamos fazer parte para estudá-las, nós precisaríamos constituir uma relação ética com os participantes de pesquisa que pudesse exceder a relação normatizada pesquisador/pesquisados, já que escolhemos estrategicamente prescindir da submissão do projeto a um Comitê de Ética em Pesquisa. Isso porque, a partir do modo como negociamos, a cada momento, a relação de pesquisa com os pesquisados, queríamos promover um debate sobre ética e regulação nas pesquisas na internet sobre corpo, gênero e sexualidade. Essa relação ética com os pesquisados teria de ser uma dentro da qual nós ainda pudéssemos levar a cabo a pesquisa de um modo eticamente viável e que nos permitisse implementar as entrevistas *online* com a segurança de que os participantes estivessem confortáveis e de acordo em responder às perguntas que lhes dirigíamos.

Além disso, tal relação ética também teria de ser uma em que nós e os homens que aceitaram fazer parte da pesquisa pudéssemos assumir nossos limites e impossibilidades: que eventualmente alguma pergunta não fosse respondida pelos entrevistados, ou que eventualmente os próprios entrevistados pudessem fazer perguntas para nós, por exemplo. Essa relação ética com os participantes de pesquisa teria de levar em conta o campo saturado de sexo (virtual) no qual ela aconteceu, tal como o campo da pesquisa de Braz anteriormente citada, e ela teria de servir de suporte para os métodos que empregamos, viabilizando-os. Essa teria de ser uma relação que não se baseasse em noções prévias e institucionalmente outorgadas de ‘permitido’ e de ‘proibido’, mas que pudesse oferecer espaços onde nós e os participantes ‘respirássemos’: essa relação ética que construímos com os pesquisados diz respeito ao ‘método consensual’ de participação em pesquisa.

“Talvez não seja necessário pontuar acriticamente a suposta erotização exacerbada dos homens gays para criticar a necessidade de ‘celibato’ em campo” (BRAZ, 2010, p. 145), já que essas são duas suposições moralistas – a erotização integral dos homens gays, que corresponde à total apreensão de suas vidas e de seus corpos em uma identidade fabricada pelo dispositivo de sexuali-

dade, tal como Foucault (2012) já nos mostrou; e a condição celibatária do pesquisador em campo, que corresponde às necessidades positivistas de neutralidade e distanciamento do objeto. Por mais moralistas e reducionistas que essas suposições sejam, elas efetivamente funcionam como ‘verdades’ em determinados contextos: o celibato dos/as pesquisadores/as no campo de pesquisa raramente é desafiado ou questionado, por exemplo – está mais ou menos implícito e mais ou menos óbvio, dado de antemão, que o/a pesquisador/a não fará sexo com os/as participantes de pesquisa. Igualmente, seria fácil argumentar que, dado o volume de sedução dos corpos no espaço do *site Manhunt*, nós não teríamos como escapar das investidas dos entrevistados, que duvidavam da ‘seriedade’ da nossa pesquisa e dos ‘reais’ motivos que nos faziam estar ali.

Tanto a imposição de uma diferenciação asséptica entre pesquisador/pesquisado, purificando o desejo no campo de pesquisa, quanto o exercício de ‘sedução’ dos entrevistados sobre os pesquisadores podem ambas ser consideradas relações de poder que emergem no processo de pesquisa. É compreensível que se escolha uma dessas modalidades de relações entre os participantes para conduzir o processo de produção de dados, desde que tal escolha figure como decisão ético-metodológica do/a pesquisador/a e que ela própria integre a análise dos dados. Contudo, frequentemente o corpo e a sexualidade do/a pesquisador/a são entendidos como algo que não importa por parte dos próprios métodos da Ciência, ou como algo que não pode importar frente às dimensões acadêmico-científicas das quais estão revestidas a pesquisa. Queremos destacar, como no caso desse estudo, que os corpos importam (dos pesquisadores/as e dos pesquisados/as) e têm efeitos no modo como se pesquisa e que é preciso colocá-lo em tensionamento como parte das estratégias ético-metodológicas.

É preciso que a relação pesquisador/a-pesquisados/as seja guiada por uma reflexão ética que engloba transformar em categoria de análise os corpos, os gêneros e as sexualidades de ambos os/as pesquisadores/as e pesquisados/as, sempre levando em consideração que os/as pesquisadores/as ocupam um lugar diferenciado e ‘interessado’ na pesquisa. Também é importante considerar que os corpos, os gêneros e as sexualidades de ambos, os/as pesquisadores/as e pesquisados/as, podem estar em jogo, na cena, “desde que o/a pesquisador/a não se utilize do sexo para a aquisição de informações” (BOLTON *apud* BRAZ, 2010, p. 149), Em outras palavras, para nossos estudos, isso significa colocar o próprio desejo dos pesquisadores e dos pesquisados como categoria analítica no caso deles virem a existir durante a produção de dados. Trata-se de compreender e buscar experimentar conceitualmente “as maneiras como meu próprio corpo estava sendo materializado” (BRAZ, 2010, p. 145), sem que haja o ‘dever’ de fazer sexo com os pesquisados, por um lado, da mesma forma com que não é desejável que nós nos mantivéssemos ‘neutros e imparciais’ em relação ao campo.

Disso se supõe que, de acordo com Simone Paulon (2005, p. 24), “o intelectual implicado procura não se retirar dos efeitos analisadores do dispositivo de intervenção”, uma vez que nossa presença no *site* de relacionamento não é uma ‘mera’ presença; no limite, é uma interpelação, uma intervenção nesses espaços: efetivamente, essa é uma observação que participa junto com os participantes. Assim, nós usamos o corpo de um dos pesquisadores, mostrado através de imagens publicadas no perfil, como ‘passaporte’ para a nossa entrada na dinâmica social do *Manhunt* e para convidar os usuários do *site* a fazerem parte da pesquisa.

Nesse sentido, a experiência corporal [...] dos sujeitos estudados e também do/a antropólogo/a [ou do/a pesquisador/a] pode ser alçada à categoria de método de pesquisa. Não se trata aqui de jogar fora a possibilidade de distanciamento [...], mas de levar em conta o quanto a realidade estudada pode ser incorporada aos sujeitos da pesquisa e a/ao próprio/a pesquisador/a (BRAZ, 2010, p. 145-146, acréscimo nosso).

Para as entrevistas *online*, a consensualidade e a participação voluntária foram o que definiu a participação dos usuários do *site* de relacionamentos na pesquisa. O ‘método de consenso’ é produtivo para analisar a implicação dos pesquisados porque ele permite a construção de uma ética de pesquisa baseada em uma noção de limite que não é a da interdição ou da proibição, mas sim uma concepção de limite que supõe o esgotamento das possibilidades dos indivíduos envolvidos. É uma ética entendida como “prática refletida de liberdade” (FOUCAULT, 2006, p. 267) entre os participantes de pesquisa que foi produzida na própria relação entre pesquisadores e pesquisados, cujo limite não é imposto como exterioridade à relação, mas que é produzido e negociado como experiência por aqueles que dela fazem parte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS – RUMOS POSSÍVEIS

Todas as nossas considerações implicam necessariamente repensar o modelo ético que vem sendo utilizado como medida ‘aceitável’ para o desenvolvimento de pesquisas no campo das Ciências Humanas e Sociais. Conforme referem MacRae e Vidal (2006), a partir da Resolução 196/96, instituída pela Comissão de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde, os padrões éticos de acordo com os quais as metodologias de pesquisas com seres humanos passaram a ser regidos por um modelo importado da área biomédica. Daí que, na sua aplicação em pesquisas que desenvolvem métodos qualitativos de produção de dados, esses padrões éticos importados acriticamente da área biomédica acabam por dificultar e inviabilizar o desenvolvimento de pesquisas que empregam métodos como os da observação participante e etnografia, por exemplo. Seria bastante difícil, quicá impossível, que nós pudéssemos constituir o percurso de pesquisa aqui brevemente apresentado se seguissemos do modo estrito as normativas contidas na referida Resolução.

Uma primeira consideração, portanto, refere-se precisamente à utilização do ‘método de consenso’ como alternativa ao padrão normativo e burocrático instituído através da importação do modelo de ética biomédica. Essa alternativa transforma a própria relação entre pesquisador/a e pesquisados/as em campo fértil de produção de dados, e procura não sacralizar o lugar do/a pesquisador/a no processo de desenvolvimento da pesquisa. O ‘método de consenso’ reconhece a relação entre pesquisador/a e pesquisado/a como uma relação de poder; contudo, vale-se dessa própria relação de poder para alçá-la a objeto de análise para a pesquisa, sem querer purificar o lugar (e o corpo) do/a pesquisador/a nem cristalizar o lugar (e o corpo) dos/as pesquisados/as.

Ainda, é preciso mencionar que todo o debate acerca do equilíbrio ético na corda-bamba metodológica das pesquisas que vimos desenvolvendo desde o ano de 2006 nos mostra que, por

mais que se cunhem novos nomes e novas terminologias para métodos de pesquisa na e através da internet – com supostos aportes metodológicos inovadores a seu reboque –, a interrogação ‘que importa’ continua sendo esta: o que pode um/a pesquisador/a em relação aos/às seus/suas pesquisados/as? E tal interrogação aparece também em outros contextos de pesquisa que não somente esse nosso, de pesquisa *online*. Esta é a corda-bamba metodológica das pesquisas na internet, pelo menos para as pesquisas que implementamos sobre corpo, gênero e sexualidade na rede mundial de computadores: que tipo de relação nós, enquanto pesquisadores com corpos sexuados, generificados e sexualizados poderíamos constituir com nossos pesquisados sem precisarmos recorrer às normativas burocráticas do modelo biomédico?

A internet, por si só, não traz nada de absolutamente novo e inaugural, como refere Lévy (2005). O arcabouço tecnológico que a internet oferece requer, sim, novas considerações sobre o que nos permite utilizar tais recursos de tecnologia para pesquisar outros seres humanos. As inovações técnicas da internet, que nos oferecem hoje salas de bate-papo e *sites* de relacionamento como objetos e campos de pesquisas como as que nós realizamos, nos colocam aquela mesma interrogação ética desde outros lugares, ao utilizarmos outros artefatos para pesquisar os nossos sujeitos de pesquisa. Aquilo que importa para a pesquisa com outros seres humanos, para o bem e para o mal, permanece: na produção de conhecimento, que ética podemos criar, com quem e com quais implicações?

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online. O papel do pesquisador-insider nas subculturas da web. In: ENCONTRO ANUAL DO GT COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE DA COMPÓS, 17., 2008, São Paulo. **Anais**. São Paulo: 2008. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_315.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_315.pdf).
- BARBOSA, Alexandre F. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2011. São Paulo: Comitê Gestor da Internet, 2012. Disponível em: <http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2012.
- BRASIL. Ministério das Comunicações. **Programa Nacional de Banda Larga**. Disponível em: <http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/programa-nacional-de-banda-larga-pnbl>. Acesso em: 23 nov. 2012.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. Mas agora confessa: notas sobre clubes de sexo masculino. **Sexualidad, Salud e Sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 4, p. 127-156, 2010.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter**: on the discursive limits of sex. New York: Routledge, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Gender trouble**. New York: Routledge, 2008.
- \_\_\_\_\_. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel C. Friche (Org.). **Poder, normalização e violência**: incursões foucaultianas na atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 90-108.
- DETAMORE, Mathias. Queer(y)ing the ethics of research methods: toward a politics of intimacy in researcher/researched relations. In: BROWNE, K.; NASH, C. J. (Org.). **Queer methods and queer methodologies**: intersecting queer theories and social science research. Burlington: Ashgate. 2010. p. 167-182.
- DISPONÍVEL.com. **Site de relacionamento gay**. Disponível em: <http://disponivel.uol.com.br/web>. Acesso em: 25 out. 2012.

FÉLIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, D.; PARAÍSO, M. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012. p. 133-152.

FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice. Apresentação: ética e regulamentação na antropologia. In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Org.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Letras Livres/Editora Universidade de Brasília, 2010. p. 9-21.

FONSECA, Cláudia. Que ética? Que ciência? Que sociedade? In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Org.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Letras Livres/Editora Universidade de Brasília, 2010. p. 39-70.

FOUCAULT, Michel. The essential works of Foucault: 1954-1984. In: RABINOW, P. (Ed.). **Ethics: subjectivity and truth**. London: Penguin Books, 2000.

\_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V: ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-287.

\_\_\_\_\_. **A História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GASTALDO, Denise; MCKEEVER, Patricia. Investigación cualitativa, ¿intrínsecamente ética? In: MERCADO, Francisco; GASTALDO, Denise; CALDERÓN, Carlos (Comp.). **Investigación cualitativa en salud en Iberoamérica: métodos, análisis y ética**. México: Universidad de Guadalajara, Universidad Autónoma de San Luis Potosí, Universidad Autónoma de Nuevo León, Servicio Vasco de Salud Osakidetza, 2002. p. 475-480.

GORMAN-MURRAY, Andrew; JOHNSTON, Lynda; WAITT, Gordon. Queer(ing) Communication In Research Relationships: A conversation about subjectivities, methodologies and ethics. In: BROWNE, K.; NASH, C. J. (Org.). **Queer methods and queer methodologies: intersecting queer theories and social science research**. Burlington: Ashgate, 2010. p. 97-112.

GUIMARÃES JR., Mário J. L. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. **Antropologia@web**: Horizontes Antropológicos, ano 10, n. 21, p. 123-154, 2004.

HECKERT, Jamie. Intimacy with Strangers/Intimacy with Self: Queer Experience of Social Research. In: BROWNE, K.; NASH, C. J. (Org.). **Queer methods and queer methodologies: intersecting queer theories and social science research**. Burlington: Ashgate, 2010. p. 41-54.

HINE, Cristhine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

INGRAM, Gordon Brent. Marginality and the landscapes of erotic alie(n)ations. In: INGRAM, Gordon Brent; BOUTHILLETTE, Anne-Marie; RETTER, Yolanda (Org.). **Queers in space: communities, public places, sites of resistance**. Seattle: Bay Press, 1997. p. 27-53.

JACKMAN, Michel C. The trouble with fieldwork: queering methodologies. In: BROWNE, K.; NASH, C. J. (Org.). **Queer methods and queer methodologies: intersecting queer theories and social science research**. Burlington: Ashgate, 2010. p. 113-128.

KOZINETS, Robert. The field behind the screen: using netnography for marketing research in Online Communities. **Journal of Marketing Research**, v. 39, n. 1, p. 61-72, Feb. 2002. Disponível em: <http://www.marketingpower.com/content18255.php>.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2005.

LOPES, Denílson. **O homem que amava rapazes – e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2002.

MACRAE, Edward; VIDAL, Sérgio. A Resolução 196/96 e a imposição do modelo biomédico na pesquisa social: Dilemas éticos e metodológicos do antropólogo pesquisando o uso de substâncias psicoativas. **Revista de Antropologia**, v. 49, n. 2, p. 645-666, 2006.

McCABE, Janet L.; HOLMES, Dave. Reflexivity, critical qualitative research and emancipation: a Foucauldian Perspective. **Journal of Advanced Nursing**, v. 65, n. 7, p. 1518-1526, 2009.

MANHUNT. Disponível em: <http://www.manhunt.net>. Acesso em: 25 out. 2012.

NASH, Catherine J. Queer Conversations: Old-time Lesbians, Transmen and the Politics of Queer Research. In: BROWNE, K.; NASH C. J. (Org.). **Queer methods and queer methodologies: intersecting queer theories and social science research**. Burlington: Ashgate, 2010. p. 129-142.

O'BYRNE, Patrick. The advantages and disadvantages of mixing methods: an analysis of combining traditional and autoethnographic approaches. **Qualitative Health Research**, v. 17, n. 10, p. 1381-1391, 2007.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. A antropologia e seus compromissos ou responsabilidades éticas. In: FLEISCHER, Soraya; SCHUCH, Patrice (Org.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: Letras Livres/Editora Universidade de Brasília, 2010. p. 25-38.

PAULON, Simone. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 3, n. 17, p. 18-25, 2005.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Apresentação. **Antropologia@web: Horizontes Antropológicos**, ano 10, n. 21, jan./jun. 2004.

ROSE, Nikolas. **The politics of life itself: biomedicine, power, subjectivity in the twenty-first century**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

SALES, Shirlei R. Etnografia+netnografia+análise de discurso: articulações metodológicas para pensar em Educação. In: MEYER, D.; PARAÍSO, M. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 111-132.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

TERRA CHAT. **Salas e amigos**. Disponível em: <http://novochat.terra.com.br/categorias/sexo#5>. Acesso em: 25 out. 2012.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen: identity in the age of the internet**. New York: Simon & Schuster, 1995.

WALL, Sarah. An autoethnography on learning about autoethnography. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 2, n. 5, 2006.

ZAGO, Luiz Felipe. **Codínomo Beija-Flor: um estudo sobre a comunicação interpessoal nas salas de bate-papo sobre sexo entre homens homoeroticamente inclinados no portal Terra Networks Brasil**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social, UFRGS, Porto Alegre, 2006. 147 p.

\_\_\_\_\_. **Masculinidades Disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009. 227 p.